

CONTRIBUIÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS À PRESERVAÇÃO DO PLANETA. ESPIRITUALIDADE E SABERES

Luis Ventura

INTRODUÇÃO

- Agradecer o convite, a oportunidade e o espaço.
- Estamos vivendo um momento muito importante. De um lado, como família humana, cresce a consciência de que estamos em um momento de encruzilhada; por outro lado, como Igreja estamos vivendo um momento denso e de graça, de *kairós*.
- É fundamental neste momento colocar, como vocês propõem, o tema da contribuição específica dos povos indígenas. O que tem a dizer os povos indígenas? Fazer-nos esta pergunta é, ao mesmo tempo, uma oportunidade para re-pensar nossa relação com os povos indígenas, também como Igreja, para refletir sobre uma verdadeira cultura do encontro com os povos indígenas.
- Em meio a uma cultura do descarte, “este mundo precisa de vocês”, disse Francisco aos povos indígenas em visita a México [Chiapas, 2016].
 - Há um movimento imprescindível que está acontecendo de reconhecimento do valor que representa a diversidade e a alteridade dos povos indígenas, como sujeitos e protagonistas, detentores de conhecimentos e saberes.
 - De “povos sem alma” a “povos vitimados”; hoje, “interlocutores privilegiados”. Já não é somente a certeza de nossa solidariedade com os povos indígenas, vítimas de uma série de violências; temos também a convicção de que os povos indígenas são uma boa notícia para toda a família humana e constituem uma voz imprescindível. E isto faz parte do espaço conquistado pelos povos indígenas com sua resistência, sua luta pela terra, sua perseverança, sua espiritualidade e sua capacidade política.
 - A própria existência dos povos indígenas, possível pela resistência e a perseverança diante de processos [econômicos, territoriais, culturais] homogeneizadores e agressivos, já é uma boa notícia para todos; porque transmite a mensagem de que a vida foi superior à morte em muitos lugares.
- “Quis vir visitar-vos e escutar-vos, para convosco reafirmarmos uma opção sincera em prol da defesa da vida, defesa da terra e defesa das culturas (...) um diálogo intercultural, no qual sejais os principais interlocutores (LS, 146)”, Francisco aos povos indígenas em Puerto Maldonado.
 - Esta é a convicção. Os povos da Amazônia têm uma palavra a dizer. Sua capacidade de resistência, de mística e de solidariedade, entendida como “pensar em termos de comunidade” representam hoje a voz profética das mudanças urgentes e necessárias em nossa vida e no modelo produtivo.
 - Como nos preparamos para esse diálogo fraterno, horizontal, sincero?
- Premissa fundamental: é necessário evitar a tentação de generalizar quando falamos dos povos indígenas.
 - Na Amazônia são mais de 400 povos indígenas, que representam uma extraordinária riqueza cultural e também uma complexa diversidade: de formas de viver, de compreensão do mundo; de modelos de organização social e política; de

formas de plantar, cozinhar, pescar, dançar; de ritualidades e espiritualidades diversas; de línguas diferentes. Diferentes formas-de-ser-e-estar-no-mundo.

- Há também diversas realidades também no sentido da relação dos povos indígenas com a sociedade envolvente, com o Estado ou com a própria Igreja. Ou seja: os povos indígenas viveram experiências diversas em sua relação com o outro e vivenciaram processos diferentes.
- Por isso, responder a pergunta da contribuição dos povos indígenas não é simples e não podemos perder esta diversidade que está por trás desse sujeito concreto que denominamos “povos indígenas”.

CONTRIBUIÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS AO CUIDADO DE NOSSA CASA COMUM

Momento de Encruzilhada como família humana

- Cada vez há uma maior percepção de que nosso modelo de des-envolvimento, a forma como entendemos o processo econômico e que temos instalado em todo o mundo como “único caminho possível”, é um modelo que deixa marcas na Mãe Terra, que gera contextos de exclusão social e deterioro do ambiente (humano e natural), gera clamores hoje e comprometem a vida dos que ainda devem chegar. A encíclica *Laudato Si'* contribuiu, como Igreja, a este consenso cada vez maior e confirmou a necessidade de questionar esse modelo e dialogar com outras formas de convivência;
 - “Este modelo já não se aguenta mais”. Francisco aos movimentos populares em Bolívia.
- Uma das principais contribuições de *Laudato Si'*: Não há duas crises separadas, uma crise ambiental e outra crise social, mas uma única e complexa crise socioambiental. Algumas dimensões que estão na raiz dessa crise socioambiental:
 - Nos des-liga da terra.
 - Modelo urbanizador nos distancia [física e simbolicamente] da terra e das outras formas de vida. Mesmo com o avanço do conhecimento científico, que nos ofereceu um tipo de saber sobre os processos da vida, nos distanciamos da terra.
 - Esse modelo de des-envolvimento, cujo rosto mais conhecido para muitos de nós é a hiper-produção e o hiper-consumo, na verdade começa antes, na nossa relação com a terra [modelo extrativo-exportador].
 - Perdemos capacidade de relação com o profundo da vida: mística, espiritualidade, significados.
 - Perdemos sabedoria, sapiência, fragmentamos nossa visão do mundo
 - As três relações (outro-outras formas de vida-Outro)
 - Lógica do domínio e da negação
 - Supremacia do Mercado: a política se submete à economia
 - Não há envolvimento, não há compreensão, não há sentido de limites. Um sistema que lhe declara a guerra às fontes da vida.
 - Negação do outro (povos indígenas, seus saberes e espiritualidades) como forma de domínio.
- Nós como Igreja fazemos parte deste desligamento. Por isso precisamos dialogar com outras matrizes culturais (LS). Dimensão do diálogo.

Contribuição dos povos indígenas

- 1) Nos ajudam a **re-ligar-nos com a terra**. A cosmovisão dos povos indígenas e sua contribuição passa por sua relação com a terra e dessa relação emergem luzes para todos.
 - a) Esta perspectiva nos permite re-ligar as três relações fundamentais (o outro – as outras formas de vida – o sagrado). Somos terra, somos água, somos barro convertido em milagre pelo Amor. “Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra [cf Gn 2,27]” (LS, 2)
 - b) Vínculo dos povos indígenas com a terra vai mais além dos critérios exclusivamente materiais ou de aproveitamento dos bens naturais. Estabelecem com a terra uma relação que transcende, uma relação espiritual. Nessa relação muitos povos indígenas recriam essa compreensão da terra como Mãe, expressão que Francisco recupera de Francisco de Assis em Laudato Si’.
 - i) Grafam [escrevem] na terra sua própria cosmovisão, compreensão da vida em toda sua complexidade (conceito de cosmografia)
 - ii) Com a terra quer dizer também com todas as formas de vida que existem nesse território, com todas as entidades que se convocam nesse território. A selva está viva! (testemunhos de Patricia Gualinga e Davi Kopenawa)
 - iii) Exemplo: Ka-apor: somos feitos de madeira; Pemon’kon, Monte Roraima.
 - c) Se trata de um vínculo que é comunitário, o que se aproxima [ou nós nos aproximamos deles] com o princípio do Bem Comum (propriedade dos bens, da caça, da pesca, ..., nas relações sociais)
 - d) As terras habitadas pelos povos indígenas se configuram em terra de saberes, de conhecimentos; de sementes e biodiversidade; terra de preservação. Terra de conflitos, e por isso terra de alternativas.
 - i) Há outros modelos de extração, produção e consumo; há outras possibilidades de convivência. Não são do passado, convivem hoje em nossa contemporaneidade. Isto é uma boa notícia para o mundo.
 - ii) Enquanto o modelo declara a guerra às fontes da vida, os povos indígenas se religam com as fontes da vida. É comprovado que as terras indígenas são as que garantem maior proteção ambiental.
 - e) São terra de direitos. Os direitos humanos – a defesa da vida, da terra e das culturas – por cima do puro interesse econômico (citas de Documento de Aparecida e Laudato Si’).
 - i) Dos povos indígenas, dos povos da terra, emerge hoje a maior contestação ao sistema que já não se aguenta, porque lhe disputam o bem mais precioso, o território. Não é somente uma disputa de um ponto de vista material, mas também de significado, epistêmico, espiritual. O que é o lugar que habitamos? Como habitamos esse lugar? Que significado têm para nós?
- 2) Nos ajudam a recuperar a **dimensão profunda da vida**, a dimensão de sentido e de espiritualidade
 - a) Os povos indígenas, de formas extraordinariamente diversas, possuem densas narrativas simbólicas, compreensões da vida a partir do transcendente. Espiritualidades e ritualidades complexas, que permeiam as relações sociais e as relações com o ambiente, a relação com o corpo, com a saúde, com a vida.
 - b) Circulam e se comunicam entre as diversas formas de tempo/espaço, com o mundo dos espíritos, com os que já se foram.

- i) O encontro com os povos indígenas é o encontro com estas diversas formas de compreensão profunda do mundo;
 - ii) Espaço para o diálogo, diálogo fraterno e horizontal. Vicente Cañas, “as florestas do Verbo”
 - iii) Recuperar a capacidade simbólica, de significação, de sapiência
 - c) Espiritualidade também como suporte na defesa da vida e da terra. “Não há luta sem espiritualidade” (Patricia Gualinga); “Nossa espiritualidade sempre acompanhou nossas lutas” (liderança Pataxó)
- 3) Nos ajudam a recuperar a integralidade, **a caminho do Bem Viver**
- Conceito(s) do Bem Viver.
 - Exemplo dos Awajun/Wampis

O QUE ISTO TÊM A VER COM O SÍNODO?

- Sínodo, tempo especial de comunhão, de contemplação, de diálogo e de discernimento.
- Oportunidade para re-pensar nossa relação com os povos indígenas e, portanto, os novos caminhos de ação pastoral.
- Oportunidade para o diálogo inter-cultural e inter-religioso, para escutar e poder alargar nossa própria percepção e compreensão do Sagrado.